



## ESCULPIR, PERCORRER, ENCONTRAR:

### UMA NARRATIVA A PARTIR DA EXPERIÊNCIA EM SIMPÓSIOS DE ESCULTURA

Catiuscia Bordin Dotto  
UFSM

#### Resumo

A narrativa a seguir transita, de uma forma poética, entre a memória de minha constituição como artista, e registros realizados em um diário durante a participação de um Simpósio de Escultura. Desta maneira, o objetivo principal deste trabalho é, a partir da experiência vivenciada, explanar sobre os Simpósios de Escultura como espaços de produção artística na contemporaneidade as quais enfatizam o caráter de residência, de rede de artistas e da arte no cotidiano da cidade. Os Simpósios presenciados como espaços de produção e também espaços de formação para artistas e público.

**Palavras-chave:** Simpósios de Escultura, Formação do Artista, Trajetória Pessoal

#### Abstract

The following narrative moves in a poetic way, between the memory of my formation as an artist, and entries made in a diary for the participation of a Sculpture Symposium. Thus, the main objective of this work is, from the lived experience, explain about the Symposium of Sculpture as artistic production in contemporary spaces which emphasize the residence of character, of net artists and art in the city everyday. The Symposium witnessed as spaces of production and also training spaces for artists and audience.

**Keywords:** Symposium of Sculpture, Artist Training, Personal Path

*“Estar pela primeira vez sozinha, em outro país, outro território. Ter o desafio com o qual pela primeira vez me deparava; entalhar uma madeira no período de dez dias, em um espaço público. Uma estrangeira sem conhecer as pessoas com as quais iria conviver intensamente durante os próximos dias. Mas assim que sentamos juntos para o primeiro jantar, percebi o que confirmaria naqueles dias seguintes: eu estava entre os meus. Era como se já os conhecesse. Naquele dia comecei a descobrir quem eu era, o que eu realmente queria fazer. Naquele dia encontrei meu lugar.”<sup>1</sup>*

O relato acima se refere ao primeiro Simpósio de Escultura o qual participei “sozinha”, no Chile, no ano de 2013. A narrativa que apresento a seguir diz respeito a uma experiência semelhante, porém, mais recente, a participação no 4º Simpósio Internacional de Escultura, da cidade de Concórdia na Argentina, em maio de 2014.

Entre imersões na memória e resgates de um diário realizado durante o próprio evento, se constrói uma narrativa da experiência vivenciada, elencando situações que apontam transformações na minha constituição como investigadora no campo das artes. Essa investigação de ordem prática, poética, porém que determina reflexões de ordem teórica. A busca é pelo que sugerem Hernandez e Rifá (2011) a respeito da

<sup>1</sup> Fragmento do diário da autora. Estes fragmentos aparecerão no decorrer do texto sempre neste mesmo formato.



investigação a partir da própria experiência a qual “significa falar não do eu, mas a partir do eu” e assim permear entre a subjetividade e a objetividade. Estou disposta ao desafio, de apresentar um relato de vida que possua importância social para o campo das artes, pois concordo com o que afirma Reed-Danahay (*in* Hernandez e Rifá 2011) quando diz que “os modos de escritura pessoais e autobiográficos são vitais para a produção de conhecimento nas ciências sociais”. Como referência de “narrativas” no campo das artes visuais existe a produção escrita e reflexão de artistas a partir das décadas de 1960/1970. Momento histórico no qual os próprios artistas narram suas experiências ou falam a respeito de seus trabalhos e do cenário artístico, em ensaios, entrevistas ou textos poéticos. Esses artistas inauguram a escrita reflexiva a partir das suas práticas, e chegam a assumir o papel da crítica.

É nessa perspectiva, que a partir do relato da experiência, busco um diálogo com a arte, pelos atravessamentos que a prática me propõe. O enfoque principal são os Simpósios de Escultura como espaços de legitimação de minha investigação no campo das artes, através dos quais posso elencar situações referentes à forma como o estar em coletivo e o estar trabalhando em público, e ainda, em um determinado espaço de tempo, geram transformações na constituição quanto artista e, portanto, investigadora. Assim, a discussão que proponho a partir da minha experiência é sobre a produção em arte dentro de um simpósio de escultores. Que ação artística é esta? Quais são as transformações que o processo em coletivo sugere no processo criativo singular? Que percepções e relações os artistas e o público podem ter a partir desta ação? Como este espaço dialoga com as demais produções da arte na contemporaneidade? Embora acredite que, certamente, neste primeiro relato se originarão mais questões do que respostas.

*“Quando criança, minhas brincadeiras se traduziam em organizar as casas para minhas bonecas com pedras e construções em argila coletada após a chuva. O tempo passava de uma forma que eu nem percebia, até a noite, neste devaneio de construir objetos sonhados com esses materiais. E no final, as bonecas nunca habitavam tais espaços, o lúdico estava no construir.*

*A parte destes momentos, estão frescas em minhas memórias as tardes percorrendo com carros, também feitos de pedras, os caminhos desenhados na areia. Sempre tive meu próprio monte de areia no quintal de casa.*

*É da infância que surge a essência do que faço atualmente em arte.”*




Sim, a infância é o momento onde, de forma não racional nos definimos artistas. E qualquer pessoa envolvida com o ato de criar pode fazer esse retorno ao ponto de origem, na infância, daquilo que produz. Richard Serra (2014) nos relata uma experiência determinante de quando tinha quatro anos de idade e seu pai o levou ao estaleiro onde trabalhava para ver a inauguração de um navio:

[...] quando chegamos, o cargueiro coberto de aço preto, azul e laranja, estava equilibrado num poleiro. Ele era desproporcionalmente horizontal e, para um menino de quatro anos como eu, tinha as laterais grandes como um arranha-céu. eu me lembro de passear ao redor do casco com meu pai e olhar a enorme hélice de cobre, espiando através dos suportes. Então, numa lufada repentina de atividade, as estacas, as vigas, as placas, os postes, as barras, os blocos da quilha, toda proteção foi removida; os cabos foram cortados, as correntes foram soltas, as travas foram abertas.... à medida que a estrutura de apoio foi desfeita, o navio começou a se mover para baixo, ao longo da calha, em direção do mar... O navio havia passado por uma transformação: de um enorme peso morto para uma estrutura brilhante, livre, flutuante e à deriva... O peso é um valor para mim. (SERRA, Richard, 2014, p.147)

Não apenas o peso deste navio é elemento presente na obra de Serra. Suas esculturas, contendo algumas toneladas de aço, encontram-se à deriva, flutuando em espaços urbanos. Estão ali, à espera da interação para que possam proporcionar ao espectador a mesma experiência e frenesi que Serra relata das pessoas que celebraram o navio pela primeira vez em movimento. Por vezes provocam a mesma impressão de imensidão que o artista, quando criança, teve ao olhar a estrutura imóvel do cargueiro.

Robert Smithson (1938 -1973) afirma em uma entrevista que no porão da sua casa, durante sua infância, seu pai construiu uma espécie de museu natural, com fósseis e conchas. Esses elementos eram trazidos dos mais variados lugares por onde viajavam, e afirma que viajavam muito: “para lugares diferentes. Logo depois da guerra, em 1946, fomos para o Oeste eu tinha uns oito anos de idade. Foi um período impressionante. Eu comecei a me envolver na coleta (de fósseis e conchas) naquele momento. Estava interessado no campo, em coisas naturalistas, à procura de insetos, pedras e tudo” e segue afirmando que essas experiências da infância se relacionam com o trabalho que vinha desenvolvendo “de uma forma engraçada eu acho que não há uma diferença entre o que eu sou agora e minha infância” (SMITHSON, Robert, 1972).

*“É maio de 2014, somos um grupo de vinte e um artistas que se deslocaram até a Praça “25 de Mayo”, na cidade de Concórdia, Argentina. Nesta praça permaneceremos por dez dias a traduzir nosso imaginário em esculturas. Olho ao redor, em um desses momentos*



*em que, com o objetivo de descansar os braços, paro de preparar massa de cimento, e o que vejo são vinte e uma pessoas reunidas por um mundo lúdico. Todos cortando, colando, misturando; como crianças em um jardim de infância”*

Areia e pedra, brincadeiras de infância que se traduzem na escultura. Argila, cimento, madeira, ferro, pedra, são minhas matérias primas. São suportes do meu imaginário. Entender essa necessidade é uma tarefa difícil, pois se trata de algo definitivamente subjetivo e intimista. A poiésis, o ato de criar, como escrever sobre ele? Como escrever sobre a própria criação se ela é um momento que circula no irracional? Para Salles (1998) “O processo criador revela diferentes instantes cognitivos, envolvendo gestos os mais diversos para alcançar esse conhecimento.” Entre estes gestos está a percepção de coisas do mundo. É a sensibilidade para capturar coisas que vivencia de forma sensível e singular. Portanto, “a percepção é um modo de conhecimento não controlado, no sentido de que não se dá, na maioria dos casos, de modo consciente” (Salles, 1998)

É a partir destas percepções que o artista vai construindo sua investigação artística. Metamorfosando as informações que acumula. É também a partir destas percepções que o artista vai se constituindo como investigador. São as relações que o transformam, o criam, e o recriam como sujeito dentro da investigação em arte. Iñiguez (2003) coloca “As pessoas e o mundo social são o resultado, o produto, de processos sociais específicos. Isto implica que, nem as pessoas nem o mundo possuem uma natureza determinada”. O sujeito investigador no campo das artes, não se constrói de forma diferente. Dentro de meu processo formativo, buscar a relação, estar em coletivo, sempre foi algo presente; a necessidade do outro é inerente à escultura.

Minha primeira experiência coletiva já se desenvolve por quase uma década, junto ao Grupo Arte Pública, formado atualmente por três escultores, com os quais, entre outras atividades, desenvolvo projetos e divido atelier. É através deste coletivo que percebi o quanto é importante estar junto para trabalhar no campo das artes. O coletivo fortalece o pensamento artístico e impulsiona cada um de seus integrantes a continuar. E assim, permite ações as quais individualmente não seria possível realizar. As ações deste coletivo tangenciam meu percurso investigativo.

É através deste coletivo que inicio minha trajetória dentro dos Simpósios de Escultura. O primeiro, no ano de 2012, contou com a participação do Grupo inteiro. Anterior a este, já havíamos organizado o primeiro Simpósio em nossa cidade, Santa Maria/RS. Ao total já são nove participações.





Simpósios de Escultura consistem em eventos os quais acontecem em diversos países. Nesses eventos, se reúnem artistas, por convite ou por seleção, os quais permanecem por determinado período, na cidade sede, realizando uma escultura. As formas de financiamento destes eventos assim como os seus propositores variam da administração pública a próprios artistas organizados em coletivos. Os materiais giram em torno dos tradicionais; pedra, madeira, ferro, até materiais contemporâneos como o cimento e a fibra de vidro, existindo inclusive simpósios onde se trabalha com elementos da própria paisagem. Nesse caso as obras poderão ser efêmeras, embora na grande maioria estejam destinadas à permanência em espaços públicos. Um dos fatores mais intensos destas propostas é o de que os artistas se dispõem a trabalhar em espaços de acesso ao público, saindo definitivamente de seus contextos e do atelier fechado; levam seu processo criativo para o público. Francisco Gazitua, escultor chileno define estes eventos quando também os situa como o retorno da escultura aos espaços públicos na década de 1970, não mais como monumentos:

os simpósios foram nessa época, para mim e todos os escultores, o primeiro passo para o trabalho em escala maior ocupando a paisagem ou a cidade. Constituíram as instâncias iniciais onde nos juntamos a compartilhar teoria e prática durante um tempo prolongado ( GAZITUA, 2006, p. 102)

941

Atualmente, esses eventos geram um circuito de colaboração entre escultores de diversos lugares, consistindo em espaços independentes de financiamento à produção e de legitimação da mesma.

*“É rasgando o pampa, paisagem imponente, paisagem do vazio, paisagem que rompe as fronteiras políticas e se estende pelo Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina; se me entregasse ao seu devaneio, já não saberia onde estou. É rasgando o pampa que chego a Concórdia, na Argentina, onde vou viver a escultura; só a escultura”*

O que antecede esta viagem é um intenso trabalho em atelier. Desenvolver uma proposta de uma escultura executável em um Simpósio requer imersão. São horas e dias desenvolvendo projetos, em um fazer insistente, permitindo riscos e acasos. Daí se origina uma série de possibilidades a serem revisitadas. O processo criativo sofre as primeiras interferências a partir dessa imersão e aceleração do fazer. Existe um “porquê” desta produção e consiste na possibilidade de um espaço concreto de interação.

Um Simpósio de Escultura é sempre um processo intenso de aprendizagem. Não apenas pela diversidade de conhecimento que cada escultor está proposto a



intercambiar. Mas também, pelos desafios que cada escultor se propõe individualmente, no sentido de estabelecer um projeto e executá-lo de fato, solucionando qualquer contratempo que venha a ocorrer. E ainda, no fato de ser um processo em deslocamento; a criação em outro contexto. A presença do olhar crítico do coletivo e do público em um momento em que o trabalho não está totalmente definido. Por isso talvez, alguns escultores que encontrei nesses percursos afirmam que se deva levar um projeto e executá-lo como planejado. Porém, há distintas formas de execução de uma proposta artística, e definitivamente em meu fazer me permito o erro, deixo com que o acaso também mostre novos caminhos. Podemos tomar por referência a fala de Angelo Venosa (2013), artista que também vê na experiência do fazer a importância de seu trabalho: “há um prazer em experimentar e encontrar um caminho, um fluxo. Em dado momento, esse fluxo, seqüência de ações do processo de trabalho, estabelece um nexos” embora seu trabalho possua predefinições rigorosamente projetadas.

Essa ideia de deslocamento é um dos pontos mais atraentes dessas manifestações artísticas. Robert Smithson afirma que “Sair do confinamento do ateliê liberta o artista, em certa medida, das armadilhas do ofício e da sujeição da criatividade” (in FERREIRA, Glória e COTRIN, Cecília, 2006). O sair do atelier sugerido por Smithson define-se no seu processo de criação, e também aos trabalhos com *Land Art* que produziu no final da década de 1970. Mas Smithson também possui em seu percurso a saída do atelier como espaço de percepção. Suas movimentações de terra surgem da observação de grandes construções ainda em seus estágios iniciais; percebe a terra por baixo da cidade. Sua série de imagens denominadas “Monumentos a Passaic” são outro exemplo de produção que não poderia acontecer dentro do seu ateliê. Da mesma forma, estar produzindo uma escultura, mesmo que usando maneiras tradicionais como o entalhe ou a construção, fora do atelier, leva o artista a outras percepções que o confinamento não lhe permitiria. Este processo de deslocamento em coletivo leva a olhar o outro, assim como o outro te olha, no seu fazer.

Essas percepções possíveis neste deslocamento são fatores que se agregam ao processo posterior. Quando retorno ao cotidiano de da produção em atelier, retomo impregnada dessa carga de novos horizontes, encontro-me acometida de um novo sentimento que nos transforma quanto indivíduos e que segue permitindo reflexões as quais permanecem transformando a investigação artística.

Para Francisco Gazitua (2006), a escultura é a forma como podemos demarcar o território. O espaço do escultor é o espaço público, materialmente público. Como



já citei, Gazitua afirma que os Simpósios auxiliam para que isto aconteça no território Latino Americano; para que o escultor retorne a este espaço. E é assim que percebo, quase uma década depois dessa afirmação, os Simpósios como espaço de legitimação daquilo que faço quanto escultura. É um espaço autônomo de legitimação, onde, não depende de uma crítica instaurada ou de instituições legitimadoras, nem mesmo de um mercado de arte. Os Simpósios estabelecem uma geografia cultural, instaurada de forma flexível, sempre em movimento. Trata-se de uma estrutura orgânica, com seus agentes sempre a recriando conforme a percorrem. Uma estrutura verdadeiramente horizontal. Existem espaços que podem ser sempre reabitados dentro desta estrutura, os quais permitem a produção a partir da crença na verdade. Michael Heizer (2006) fala, a respeito do caráter não mercadológico que a *Land Art* propunha, que a partir das grandes movimentações de terra poderíamos pensar a arte como religião. Posso perceber isso acontecendo em um Simpósio de Escultura; vejo naquela praça, vinte e uma pessoas que em seus países são professores, trabalham fazendo lápides para cemitérios, em pistas de aeroportos ou já foram médicos. Artistas os quais seus trabalhos não estão nas grandes galerias de arte, e que, o fato de terem diversas profissões não significa que não acreditam na arte como profissão. Mas que, encontraram nos Simpósios de Escultura seu lugar de produção e seu grupo. Assim como encontrei o meu.

943

Tudo o que produzimos em escultura usando pedra, madeira, gelo, argila ou bronze, será sempre matéria na qual fixamos por um tempo nossa marca.


O que fizemos serão marcas passageiras na terra. Marcas efêmeras no espaço público, no espaço americano que nos coube nascer.

Porém, será sempre importante, isto que não podemos nem entender e nem explicar: a marca permanente da paisagem em nós e, por consequência final, a marca desta paisagem original em nossa escultura. (GAZITUA, Francisco, 2006 p 93)

É assim que compreendo um Simpósio de Escultura: como se estivéssemos indo e vindo, deixando marcas, deixando esculturas que julgamos permanentes nos espaços públicos. Porém, as maiores marcas são as que trazemos em nós, quando voltamos.

Maria Amélia Bulhões nos resume a experiência de estar participando de um Simpósio:

[...] intercâmbio de convivência e experiência para todos aqueles que, trabalhando a partir da especificidade desta prática artística, buscam recuperar seu espaço investigativo, estabelecendo diálogos com a



arquitetura, com a paisagem e com os transeuntes, de modo que suas esculturas se localizam entre o construído e o vivido (BULHÕES, Maria Amélia, 1996)

E é desta maneira. Em um Simpósio de Escultura se vive a arte. As esculturas que ficam em cada cidade, são resquícios da experiência, são arqueologias da ação artística. Provavelmente, para o escultor, o resultado de um Simpósio não seja a escultura que fez. Mas sim consista em colocar-se à prova, e depois viver um longo período de reflexão sobre o que fez.

*“Já faz uma semana que voltei, e ainda penso na escultura que fiz, nos erros e acertos.  
Porém, o que sinto de maneira mais forte, é a forma como estive suspensa.  
Estava à deriva, sem a racionalidade da vida cotidiana.  
Estava em um outro mundo o qual, talvez, apenas artistas e crianças se permitam”*

### Referências Bibliográficas

CANONGIA, Lúcia, (org) **Angelo Venosa: a febre da matéria**, São Paulo: Cosac Naify, 2013.

FERREIRA, Glória e COTRIN, Cecília (orgs), **Escritos de Artistas anos 60/70** Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

GAZITUA, Francisco, **El hombre marca su espacio**, Santiago: Galeria Arte Espacio, 2006.

HERNANDEZ, Fernando e RIFÁ, Montserrat, (coord.) **Investigación autobiográfica y cambio social**, Barcelona: Octaedro, 2011.

IÑIGUEZ, Lupicínio, **La psicología social em La encrucijada post construcionista. Historicidad, subjetividad, performatividad, acción**, no XII Encontro Nacional da ABRAPSO. Estratégias de invenção – a psicologia social no contemporâneo, Porto Alegre: PUC-RS, 2003

BULHÕES, Maria Amélia, **Aquello que presencie**, 1996 Disponível em: [www.ufrgs.br/artreflexoes/site/](http://www.ufrgs.br/artreflexoes/site/) Acesso em: 06/05/2014.

SALLES, Cecília Almeida, **Gesto inacabado: processo de criação artística**, São Paulo: FAPESP, 1998.

SERRA, Richard, **Escritos e entrevistas, 1967 – 2013**, Heloísa Espada (org.), São Paulo: IMS, 2014.

ISSN 2316-6479 I DE JESUS, S. (Org). Anais do VIII Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual: arquivos, memórias, afetos . Goiânia, GO: UFG/ Núcleo Editorial FAV, 2015.





SMITHSON, Robert, **Entrevistas selecionadas com Robert Smithson**. Disponível em: [www.robertsmithson.com](http://www.robertsmithson.com), Acesso em: 05/05/2014.

---

### **Minicurrículo**

*Catiuscia* é bacharel em Desenho e Plástica (2006) e Licenciada em Artes Visuais (2009) pela UFSM, Mestranda do PPGART (2014) da mesma instituição. Atua como escultora, docente na educação básica e produtora cultural. Participa de Simpósios de Escultura desde 2012 em países como Chile, Argentina, Bolívia e Uruguai onde permanecem obras públicas de sua autoria. Organiza, desde 2011, na cidade de Santa Maria/RS o Simpósio Internacional de Escultores.